

## “Enxertos de várias geografias”: o lugar em *Lavoura arcaica*, uma perspectiva geoliterária da dialética sujeito-lugar\*

Rossevelt José dos Santos\*\*

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior\*\*\*

### Resumo

O artigo propõe uma leitura geoliterária da obra clássica *Lavoura arcaica*, do renomado autor brasileiro Raduan Nassar, buscando nela elementos que podem nos ajudar a dialogar com a categoria geográfica lugar, a qual corresponde ao espaço dotado de significações e sentimentos. A casa familiar é o lugar central, denso, rico e uno na existência do sujeito. O objetivo é decifrar as simbologias mostradas pelo personagem André, entendendo que o livro é um plano da realidade alternativa em que seus personagens vivem a eternidade da história na qual estão inseridos. Nesta jornada, busca-se o aprofundamento do entendimento da dialética sujeito-lugar, expondo as suas complexas relações.

### Palavras-chave

Lugar; sujeito; geoliteratura; símbolos; *Lavoura Arcaica*.

### Abstract

This paper proposes a geoliterary reading of the classical Brazilian novel *Lavoura arcaica* by Raduan Nassar. This work aims to find elements of the geographic category place, which covers the portion of space surrounded by meanings and feelings, considering home as the first and one place in the existence of the subject. It will attempt to decipher the symbols proposed by the character André, understanding at all times that the book is an alternate reality plane where its characters live the eternity of the story where are inserted. This journey ventures to deepen the understanding of the subject-place dialectic and shows their interdependency.

### Keywords

Place; subject; geoliterature; symbols; *Lavoura Arcaica*.

---

\* Artigo recebido em 04/05/2016 e aprovado em 10/04/2016.

O título “Enxertos de várias geografias” foi extraído da forma como André se refere à pobreza dos sermões do Pai quando comparados aos do Avô. O efeito é duplo, pois a proposição do artigo também é a de conectar saberes, fazer enxertos geográficos na literatura. (NASSAR, 2009, p. 89)

\*\* Professor no Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

\*\*\* Aluno de mestrado em Geografia na Universidade Federal de Goiás (Campus Goiânia). Bolsista CAPES.

## **Considerações e apontamentos iniciais**

Partindo de uma ideia de ciência mais ampla, que esteja disposta a dialogar com os múltiplos campos do conhecimento, intentamos elaborar reflexões e interpretações acerca da relação do sujeito social local com seus espaços mais íntimos. Entendemos que estamos em um período em que as ciências se encontram em transição, o dogmatismo tem sido deixado de lado, em função de um saber que acompanhe o cotidiano (SANTOS, 1995, p. 78). Nós, na condição de pesquisadores, passamos a nos perceber como sujeitos de nossas próprias pesquisas, portanto capazes de criar e inventar caminhos para explorar o teórico, o metodológico e o empírico.

Nota-se que a literatura ocupa hoje lugar central em uma série de estudos geográficos, seja como referência histórica ou como fonte infundável para a geosofia. Tal termo foi proposto por Wright (1947, p. 10) para se referir a uma geografia do conhecimento que se preocupa em estudar a espacialidade dos saberes e crenças presentes no cotidiano, nas artes e em outras formas de expressão humana. Segundo o autor, esse conceito contribui para revelar as perspectivas e condições em que as geografias, sejam essas informais ou científicas, ajeitam-se em um macrocosmo. Pensamos que estabelece virtualidades para o rompimento das “fronteiras” teóricas e disciplinares que tanto nos cercam.

A geoliteratura que aqui propomos abarca ambas as possibilidades, sendo uma forma de análise literária por meio do uso das categorias analíticas da geografia. Conforme Gratão e Marandola Jr. (2010, p.15), tudo aquilo que é produzido pelo ser humano é dotado de espacialidade, afinal, somos seres de dimensões tanto temporais quanto espaciais, e nossa existência se dá, necessariamente, dentro dessas variáveis.

Tanto a intimidade dos espaços quanto suas perspectivas mais abrangentes podem ser encontradas na literatura, servindo como alicerce para novas compreensões sobre a realidade. A geograficidade está na forma como os homens interagem e (re)significam os espaços, abarcando não somente a materialidade dessas relações, mas os sentimentos relativos à nossa percepção direta ou indireta desses espaços.

Dardel (2011, p. 34) propõe que pensemos em uma geografia que abarque as relações concretas que conectam o homem à Terra, que se atente para as maneiras pelas quais o planeta se relaciona ao seu modo de existência e destino. Essa geograficidade, inerente às maneiras de viver o espaço, elenca virtualidades no que se refere às formas

de representação e significação dos microcosmos de cada sujeito. O conceito de geograficidade diz respeito à essência geográfica do existir no mundo, da relação dos seres humanos com o espaço.

Como trabalhado amplamente na obra de Philip K. Dick (1992, p. 60), vemos que um livro abarca toda uma realidade alternativa concernente a ele. Certamente vivemos em um plano existencial, e o livro manifesta-se em outro, no qual personagens vivem suas narrativas em uma espécie de “loop” contínuo no silencioso (porém rico) diálogo entre autor e leitor. Assim, analisamos *Lavoura arcaica* de Raduan Nassar como um plano alternativo, no qual os personagens estão a vivenciá-la na eternidade e buscamos decifrar os símbolos que se apresentam na dialética autor-leitor.

Nessa perspectiva compreende-se que o diálogo entre Geografia e Literatura comparece proveitoso para interpretar uma obra literária, contribuindo para a orientação do geógrafo no trabalho de analisar as práticas sociais em um contexto onde o espaço vai se tornando lugar vivido; em que o território vai se constituindo e assumindo formas de poder de Estado-Nação.

No estudo da obra espera-se que o diálogo da Literatura com a Geografia possa fazer com que ambas as áreas. Nessa incursão, compreende-se que a Literatura, ao conversar com a Geografia, poderá promover uma apreciação das tensões inerentes ao amarrado dos sujeitos com o lugar, estabelecendo debates sobre o modo de vida camponês.

Consideramos os pressupostos de Mota (2010, p. 24; 2012, p. 42; 2013, p. 159), Souza (2012, p. 31) e Telles (2008, n.p.), quando nos referimos à obra, pois não está diretamente ligada a um momento histórico específico, fugindo da lógica do período literário em que teve sua gênese. O romance foi escrito durante toda a década de 1960 e publicado em 1975, entretanto, mesmo que seu tema seja a repressão e a inserção do sujeito na sociedade, não está diretamente ligado ao contexto da época, mas às potencialidades da natureza humana.

Como já abordado por Souza, “‘trilhas’ menos percorridas encontram espaço nos trabalhos de poucos autores, sendo Raduan Nassar um desses poucos que percorrem um caminho diferente ao da maioria dos escritores da década de 1970, engajados em expor o cenário brasileiro, denunciando as agruras do regime autoritário.” (2012, p. 30).

Percebe-se que o autor não tinha por objetivo fazer uma crítica ao contexto em que estava vivendo, mas evidenciar problemas inerentes à própria existência.

Conforme Mota (2010, p. 51), Raduan Nassar foi um dos autores mais ricos em especificidades na nossa literatura; sua poética une os ares da América latina com os espíritos do Mediterrâneo. A excepcionalidade de suas temáticas e do jogo de seus personagens é, muitas vezes, comparada com a de Dostoievski e Tolstói (MOTA, 2010, p. 14), sendo dura e implacável, porém intimista e filosófica, fator também destacado em Souza (2012, p. 32).

A coesão de suas obras está na temática do questionamento da verdade. A dialética dos discursos e a somatória das perspectivas nos colocam a questionar não apenas a realidade dos personagens, mas a nossa. Em momento algum, sabemos se aquilo que está sendo relatado é uma série de fatos ou apenas um devaneio do personagem. Tudo o que temos é o ponto de vista desse personagem. Teles (2008, n.p.) reforça essa característica, assim como a crítica cultural efetiva do papel social do autoritarismo, presente transversalmente em Nassar.

Dentro do plano próprio ao livro, analisaremos a(s) essência(s) dos personagens, os quais são interiores à obra, sempre procurando entendê-los como sujeitos. Buscamos a compreensão da categoria geográfica lugar partindo dos seus sentidos e de suas percepções, observando a relação lógica que é construída no contato entre eles. Verificamos a poética dos sentimentos relativos e relacionais ao espaço dentro da realidade escrita por Nassar. Acatamos a noção de que o cerne da obra está na relação entre os sujeitos que se espacializam no complexo denso do lar, afinal “a casa é tão importante quanto os que por ali passam” (CAVALCANTE, 2011, p. 35).

Consideramos que, conforme Bachelard (1998, p. 126), “o imaginário não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas imagens; a princípio ele tem necessidade de uma presença mais próxima, mais envolvente, mais material. A realidade imaginária é evocada antes de ser descrita.” Logo, existe a necessidade de entender a ontologia espacial do pensamento do autor, em que deve ser abrangido que algo suscitou a imagética. Somos levados a pensar que isso deriva das experiências sensório-espaciais do artista como ser social.

Como foi abordado por Tuan (1983, p. 170), o artista exerce o papel social de transmutar os sentimentos em obras de arte. Sejam estes relativos à sua própria

intimidade ou à vivência de um determinado grupo. Considerando que a categoria lugar está diretamente ligada ao íntimo dos sujeitos, tratando-se dos pertencimentos e das vivências do cotidiano em uma parcela do espaço (CARLOS, 2007, p. 39), a literatura, como expressão artística, estabelece diálogos férteis com essa categoria. Nesse sentido, visamos analisar a concretude da ontologia do espaço humanizado.

Tencionamos usar a obra para subsidiar a discussão mais ampla relacionada à dialética da relação entre sujeito e lugar, visando evidenciar como o homem se relaciona com seus espaços mais próximos. Igualmente, procuraremos nos aprofundar na questão dos lugares que existem no âmago deles próprios, afinal, cada lugar, em seu feito singular, tece uma rede na qual instituem pontos tecidos que se entrelaçam (nós) relativos às significações que os homens produzem a seu respeito.

O objetivo é trazer à tona as realidades da “lavoura arcaica” por meio da visão dos seus múltiplos personagens, com foco em André, protagonista da obra, que nos apresenta os diversos lugares mediante sua narrativa intimista. Observamos e abrangemos os personagens e espaços a partir de suas perspectivas, pelas quais buscamos extrair e decifrar as espacialidades.

### **“Lavoura” e l(ug)ar**

A obra nos convida a refletir acerca de como a instituição familiar relaciona-se com o lar e com o lugar. O modo de vida dos sujeitos está permeado por especificidades que não são apenas elaborações momentâneas, mas projetos de vidas, individuais ou coletivos, que afetam ativamente a constituição e dinamização do lugar. Este também existe na base de algumas das instituições mais fortes da nossa sociedade, principalmente a família e a religião. O seguinte trecho, em que André descreve um sermão do Pai, ajuda-nos a identificar tais fatos.

[...] bastava que um de nós pisasse em falso para que toda a família caísse atrás; e ele falou que estando a casa de pé, cada um de nós estaria também de pé, e que para manter a casa erguida era preciso fortalecer o sentimento do dever, venerando os nossos laços de sangue, não nos afastando da nossa porta, respondendo ao pai quando ele perguntasse, não escondendo nossos olhos ao irmão que necessitasse deles, participando do trabalho da família, trazendo os frutos para casa, ajudando a prover a mesa comum, e que dentro da austeridade do nosso modo de vida sempre haveria lugar para muitas alegrias, a começar pelo cumprimento das tarefas que nos fossem atribuídas, pois se condenava a um fardo terrível aquele que se subtraísse às exigências sagradas do dever; ele falou ainda dos anseios isolados de cada um em casa, mas que era preciso refrear os maus impulsos, moderar prudentemente os bons, não perder de vista o equilíbrio, cultivando o autodomínio, precavendo-se contra o egoísmo e as paixões perigosas que o acompanham, procurando encontrar a solução

para nossos problemas individuais sem criar problemas mais graves para os que eram de nossa estima, e que para ponderar em cada caso tinha sempre existido o mesmo tronco, a mão leal, a palavra de amor e a sabedoria dos nossos princípios, sem contar que o horizonte da vida não era largo como parecia, não passando de ilusão, no meu caso, a felicidade que eu pudesse ter vislumbrado para além das divisas do pai [...] (NASSAR, 2009, p. 21- 22).

Podemos examinar como o lugar se revela/realiza no e para além do cotidiano. As regras familiares comparecem para guiá-los em seus atos práticos, sendo o lugar um espaço revelador do sujeito que é personificado pelos personagens masculinos. Pelo seu prospecto intersubjetivo, age de maneira a constituir relações com estes. O espaço torna-se um agente enérgico de suas vidas. A casa é apresentada como a moradia da família camponesa. Nesse espaço as relações se estabelecem, são nutridas a partir da figura poderosa do Pai.

O sujeito projeta no espaço suas expectativas, que são relativas e relacionais ao lugar que eles ocupam no processo de elaboração da vida familiar. Suas esperanças individuais e coletivas vão transmutando-o em um construto derivado de seus desejos e necessidades. No lugar, tais apontamentos dinâmicos da vivência dos sujeitos proveem personalidades para si mesmos. Ele (re)constrói-se de acordo com as sensações intersubjetivas que nele estabelecem relações. Para aqueles sujeitos, o lugar envolve atributos de pertencimentos relacionados às experiências com o mundo, cujos imperativos comparecem nos vínculos territoriais e suas possibilidades de se sentirem seguros.

No caso de André, o lugar é ainda o espaço incontestado da lógica social familiar. Naquele cotidiano a vida realiza-se como conjunto dinâmico de atos práticos, nos quais os sujeitos se representam e se reconhecem como parte, ainda que individual/indissociável de uma coletividade/instituição. O lugar é também espaço de geração de vários dissensos. No contexto da vida, o sujeito revela-se, assume ou recusa funções a partir dos alcances simbólicos, emocionais, políticos e religiosos, cultivados na e pela família.

A cultura camponesa assume relevância na existência dos sujeitos e vai lastreando, afirmando e legitimando práticas sociais. Dentro daquele modo de vida há a repressão de um lado da natureza humana, visando à promoção/afirmação de valores que se pautam na “sacralidade do dever” e da austeridade.

Essas preocupações e atribuições revelam formas de proteção e legitimação de costumes intrincados aos vínculos que são tencionados com a família, terra e trabalho. No discurso do personagem André, o lugar deve ser protegido. Trata-se de um espaço construído pelo coletivo em que cada sujeito tem participações, faz parte das tensões sociais que afetam o grupo. É fundamental que as ações sejam propostas e desenvolvidas com prudência e autocontrole, afinal, é nesse espaço que o grupo existe e é nessa existência social que se define e se representa a partir das lógicas da família. Contudo, o sujeito existe no lugar tencionando o próprio discurso, pois nas práticas André açula a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se manifesta na insatisfação, nas particularidades da vida provada.

As proposições do Pai no seu sermão represam, uma vez que, aparentemente, eliminam a individualidade dentro do seio do lar. Parece-nos que a força de sua reprodução está na desconstrução dos desejos e necessidades de cada um para a constituição de uma vida subordinada ao tronco da família. Há de se servir aos laços sanguíneos, porquanto esses são os tijolos utilizados para construir a casa como território da família.

A casa aparece na condição de espaço dotado de normas e regras, formando uma superestrutura que revela fragilidades de um território instituído pela imposição do costume em um cosmo no qual o sujeito existe e se manifesta na vontade individual de cada um. O poder do Pai, interpretado como sabedoria, baseia-se no princípio da anulação dos sujeitos, assumindo centralidades em um existir pautado no contraditório. Cada um dos habitantes da casa deve refrear seus anseios para que seja possível superar as dificuldades apresentadas pela vida ao longo da dureza cotidiana.

O termo sermão refere-se às práticas discursivas de disseminação da fé, conforme presentes na Bíblia e em outros documentos religiosos. O Pai faz uso de tal gênero para mostrar que a família e o lugar-casa são interdependentes. Se um dos irmãos mentir ou agir fora do acordo preestabelecido na essência do clã, todos sofrerão as consequências. É uma afirmação dogmática que visa estabelecer/reforçar/legitimar o domínio do Ancião.

Entendemos que, como abordado em Tuan (1975, p. 152), o lugar pode ser designado como núcleo de significações arquitetado pelas experiências das pessoas que constroem nele e a partir dele a sua existência. O esforço do Pai em tornar a casa um

lugar cômodo, aderente ou apto, decorre dos membros aceitarem as regras familiares. Contudo, a transformação ocorre no uso do espaço. Embora as pessoas não tenham tornado as suas vontades e desejos individuais plenamente efetivas, a desnaturalização dos costumes constrói a humanização do lugar como uma condição individual e coletiva dos sujeitos.

Desse modo, para pensar o lugar em sua complexidade, torna-se necessário que também façamos uma análise subjetiva que nos leve a compreendê-lo e conhecê-lo como espaço vivido, onde moram as pessoas em suas virtualidades e realidades.

Faz-se central compreender que os “lugares são as partes da realidade espacial que foram reclamadas pelas intenções humanas” (KARJALAINEN, 2012, p. 7), porções do espaço que não podem ser pensadas fora da multiplicidade das perspectivas dos sujeitos. Cada ser vive o lugar a sua maneira, pois há heterogenia não só nas formas de pensar de cada um, mas também na constituição das relações que nele obtêm concretude.

Em Pocock (1981, p. 339), o lugar é visto na condição de ponto de referência básica para o sujeito. É o despertar inicial de análise espacial, é dele que partimos para entendermos os outros espaços que regem nossas vidas e, acima de todos os lugares, encontramos o lar. No trecho anterior, podemos entender uma concepção cultural e subjetiva do lugar que vai lastrear aquilo que se apresenta como lar. É importante apreender que existem contradições, hierarquias, poderes que se relacionam e se relativizam aos membros da família que definem funções, conteúdos, estruturas, éticas e morais. No caso da obra em análise, o lugar também apresenta seus territórios, pois nas relações estão manifestadas diversas formas de as pessoas usarem o espaço para existirem.

Nesse processo, por vezes se opõem aos poderes decorrentes das instituições (família, religião, propriedade, patriarcado) e nas oposições expressam as dimensões e limitações do lugar camponês.

Pocock (1981, p. 342) considera que, na hierarquia de lugares que regem nossa vida, o lar sempre será o centro desta nossa realidade pessoal egocêntrica, sendo ele o começo da existência humana. Por mais que se trate de uma informação contextual e, talvez, generalista, é exatamente por conta dessa miríade de valores humanos associados

ao lar que, quando André parte, a casa (e a família) deixa(m) de ser a(s) mesma(s). Seu irmão, Pedro, vai ao encontro dele na cidade e estabelece a seguinte prosa:

[...] ela não contou pra ninguém da tua partida; naquele dia, na hora do almoço, cada um de nós sentiu mais que o outro, na mesa, o peso da tua cadeira vazia; mas ficamos quietos e de olhos baixos, a mãe fazendo os nossos pratos, nenhum de nós ousando perguntar pelo teu paradeiro; e foi uma tarde arrastada a nossa tarde de trabalho com o pai, o pensamento ocupado com nossas irmãs em casa, perdidas entre os afazeres na cozinha e os bordados na varanda, na máquina de costura ou pondo ordem na despensa; não importava onde estivessem, elas já não seriam as mesmas nesse dia, enchendo como sempre a casa de alegria, elas haveriam de estar no abandono e desconforto que sentiam; era preciso que você estivesse lá, André, era preciso isso; e era preciso ver o pai trancado no seu silêncio: assim que terminou o jantar, deixou a mesa e foi pra varanda; ninguém viu o pai se recolher, ficou ali junto da balaustrada, de pé, olhando não se sabe o que na noite escura; só na hora de deitar, quando entrei no teu quarto e abri o guarda-roupa e puxei as gavetas vazias, só então é que compreendi, como irmão mais velho, o alcance do que se passava: tinha começado a desunião da família [...] (NASSAR, 2009, p. 23-24).

Verificamos que o peso da saída de André do lar manifesta-se para os outros sujeitos e para o lugar a partir do momento em que há um rompimento com as práticas do cotidiano, pois, é o lar o espaço da vida ritmada pelos atos mais banais da rotina familiar. A partida de um membro é também perda dramática para todos que têm a consciência da existência vinculada à participação de cada um na vida familiar. Declara-se da família um doador de tempo e trabalho. Uma ausência soa como preocupação, como sentença de carências. Na passagem, parece que a noite é mais escura na ausência de um dos irmãos. A casa e dentro dela a cozinha, a mesa de jantar, os móveis e o quarto de dormir assumem centralidades na reprodução da existência humana familiar (POCOCK, 1981, p. 340).

A escala do cotidiano é central para a reprodução do lugar, afinal, é nele que a existência se efetiva. Tanto a rotina quanto o inesperado apenas são possíveis à medida que se espacializam. É na cotidianidade que se estabelece a dimensão real da relação do sujeito com o espaço que o cerca. Apenas a partir das vivências é possível pensar em um lugar que se constrói dia após dia com base nas experiências dos sujeitos.

A família, como instituição que promove e se viabiliza no lugar a partir de seus sujeitos, a possibilitar vínculos territoriais, sente quando não consegue nutri-los. No caso em estudo, eles se rompem, revelando as várias fragilidades, contradições e insegurança que constituem o viver no lugar a partir da ausência de um de seus membros. Uma atitude derivada da própria condição material familiar, portanto, mais ou menos prevista, sendo um fenômeno clássico envolvendo, principalmente, a família

camponesa. Essa ruptura ocorre quando o sujeito não “cabe” mais no lugar por conta de não ser capaz de promover seu “crescimento” físico-corporal ou social. O lugar significado pelo corpo.

Esse cotidiano é vivido pelos membros do grupo, moradores do lugar. A ausência de um compromete a dinâmica desse vivido. Quem vai assumir as funções do membro ausente? Na cultura camponesa a saída de um membro homem implica em mais trabalho para os que ficam. Os moradores permanecem sobrecarregados e o poder do pai para ser mantido dependerá de como os outros vão suportar as imposições decorrentes da falta de um filho varão.

A separação que envolve perdas afeta toda a trama familiar, alterando a relação dos seus sujeitos. Onde antes havia “felicidade”, paira preocupação e tristeza. Tomado de vontade de fazer com que tudo voltasse a ser como antes e movido pelo clássico discurso do Pai, que marca a relação do sujeito com o lugar: “o gado sempre vai ao cocho, o gado sempre vai ao poço” (NASSAR, 2009, p. 60), Pedro busca o irmão. Seu ato exemplifica a relação com o lar.

Por mais que criemos relações de apego com outros lugares, como visto antes, nosso primeiro e central, independentemente dos valores atribuídos, será o lar. Ele virá a ocupar a posição de parâmetro para a visão de mundo do sujeito. Há uma relação próxima com o viVer dos sujeitos, por onde perpassam sentidos diversos de afetividade e intimidade. No lar há a (im)possibilidade de se sentir à vontade com sua natureza.

Conforme aponta Bachelard (2008, p. 24), “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”. Há um cosmo singular presente na existência da casa como lugar edificado pela família. O lar se institucionaliza na vida dos seus membros de maneira a criar elementos simbólicos que os vinculem.

Em conjunto, há dimensões diversas que se desdobram em realidades oníricas e materiais. É a partir do lar que temos nosso primeiro contato com o universo. Existem significados próprios do modo de ser e estar em casa. Por meio do reconhecimento desse espaço constituído por ideais e valores humanos intersubjetivos, relativos a cada um de seus habitantes, é que o sujeito tem a possibilidade de entender a geograficidade do existir no lugar como processo.

Os elementos e objetos que permeiam o espaço construído com os fins do habitar humano elencam nele diversas referências e representações. A partir dos usos e das projeções, os sujeitos ressignificam o lar como maneira de edificar concepções de vida. É um cosmo inserido nas metamorfoses da realidade. Seus moradores projetam desejos na casa e, nesse sentido, atribuem a ela o significado de muitos triunfos, assim como seus ensejos, entraves e dificuldades.

Doravante, percebemos que não só o lugar é importante para o morador, mas, nessa relação dinâmica repleta de tensões, o sujeito é que fundamenta e (re)cria dialeticamente a si e o lugar. A casa familiar não é algo apenas palpável, abarca sentidos, sentimentos e intenções da consciência humana. No lugar, o sujeito envolve-se em processos que abrangem a vida em suas várias dimensões. Nesse espaço vivido descobre e assimila os ciclos da natureza, os cheiros, os sabores; nos cotidianos da vida familiar, relaciona-se às especificidades daquele espaço. Na morada familiar, pode-se perceber e sentir a densidade social do lugar.

### **Memórias arcaicas**

O lugar é denso, pois é constituído de história, cultura, subjetividade, dentre outros aspectos dimanados das humanidades. No ambiente familiar, os sujeitos tomam suas decisões, visto como nele existem possibilidades de permanência e de partida, situações dinamizadas espacialmente pelo contexto em que se vive. O lugar, desse modo concebido, deixa de ser o mesmo quando seu(s) sujeito(s) parte(m). Essa situação indica mutabilidades no modo de se viver que afetam aqueles que em seus atos práticos se vinculam com o lugar. É importante considerar as razões pelas quais a partida de André ocorre, identificando motivos e atitudes que se revelam traumáticos, inclusive evidenciando algumas mutilações.

A partir dos múltiplos símbolos e representações presentes no lugar, observamos a heterogeneidade procedente de diferentes acúmulos de tempos. Esses mostram as maneiras como os sujeitos o vivem, seus sentimentos em relação a essa manifestação do espaço, a perceber as múltiplas metamorfoses que permeiam o cotidiano. A morada, como expressão de fatos e fenômenos, é tensa e mutável, e a velocidade dos processos envolvidos no lugar está relacionada às especificidades das relações que nele ocorrem.

Em *Lavoura arcaica*, o lugar manifesta a personalidade que lhe foi atribuída. Merleau-Ponty aponta que “o sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece ‘subjeto’, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 516). Considerando a reflexão do autor, inferimos que os moradores dos lugares conferem significados e personificam o cosmo. A sensação constrói existências diferenciadas dentro da heterogeneidade de diferentes lógicas presentes na inserção do sujeito no mundo. Trata-se de uma inserção pelo mundo do trabalho, cujas construção e elaboração dos frutos devem ser vigorosas, funcionais e provedoras. O diálogo a seguir indica uma reflexão dos moradores com o espaço vivido.

[...] veja, Pedro, veja nos meus braços, mas era ele também, era ele que dizia provavelmente sem saber o que estava dizendo e sem saber com certeza o uso que um de nós poderia fazer um dia, era ele descuidado num desvio, olha o vigor da árvore que cresce isolada e a sombra que ela dá ao rebanho, os cochos, os longos cochos que se erguem isolados na imensidão dos pastos, tão lisos por tantas línguas, ali onde o gado vem buscar o sal que se ministra com o fim de purificar-lhe a carne e a pele, era ele sempre dizendo coisas assim na sua sintaxe própria, dura e enrijecida pelo sol e pela chuva, era esse lavrador fibroso catando da terra a pedra amorfa que ele não sabia tão modelável nas mãos de cada um; era assim, Pedro, tinha corredores confusos a nossa casa, mas era assim que ele queria as coisas, ferir as mãos da família com pedras rústicas, raspar nosso sangue como se raspa uma rocha de calcário [...] (NASSAR, 2009, p. 41-42).

Há no lugar formas de se usar o espaço. No grupo, os elementos do espaço criados e/ou apropriados pelo trabalho revelam formas de se usar os elementos da natureza, interpretados como conquistas que edificam um modo de vida familiar. Tratam-se de relações sociais que foram gestadas histórica e culturalmente pelos seus membros e no cotidiano são projetadas como estruturas. Nesse sentido, a figura da árvore na paisagem da vida do lugar é a forma como amacia a existência do gado, representando o sentido de lar na vida dos sujeitos.

Aparentemente trata-se de um mundo onde cada ser tem seu lugar e nele nem sempre os sujeitos agem cumprindo aquilo que a cultura do lugar lhes confere. O fato de o protagonista realçar que os corredores eram propositalmente confusos vem para revelar, ao irmão, que o mesmo lugar pode ser visto por diferentes perspectivas.

O simbolismo presente no existir do lugar demarca posições contrárias e contraditórias. De um lado, há a dimensão da libertação, e é a partir dela que o sujeito tem a capacidade de enfrentar as imposições de um espaço exterior e se impor como único. Porém, do outro, é marcado por ser uma “prisão”, trazendo consigo preconceitos

e imposições. O lugar revela-se tenso, onde igualmente as incertezas podem fazer os sujeitos reverem suas concepções, por exemplo, de segurança atribuída ao lar, família, pai, trabalho, dentre outras.

Essas situações carregam a capacidade de revelar outros nexos, os quais podem entrar em conflito com a natureza de determinados sujeitos, o que pode incitar uma metamorfose tanto do lugar quanto do sujeito, para sua adequação ou até mesmo expulsão. Mesmo assim, o sujeito ainda se mantém vinculado, pois os laços criados pela experiência também desdobram-se no plano do imaginário e da memória.

O sujeito não se livra do lugar. Na vida das pessoas, o lugar faz comparecer suas próprias insígnias, seu existir poético. Na casa familiar expõe como os homens e as mulheres desempenham suas “funções”, assumem compromissos e envolvimento cotidianos diferentes. Ao afundar as mãos no cesto de roupas sujas, André apresenta um lugar tenso, pois visualiza o choque entre o universo masculino e feminino. Na desigualdade das tarefas ressalta-se, entre gêneros a opressão da existência, o peso de continuar a viver. Verificamos, no trecho seguinte, a forma como no lugar tensionam-se essas relações:

[...] bastava suspender o tampo e afundar as mãos, bastava afundar as mãos pra conhecer a ambivalência do uso, os lenços dos homens antes estendidos como salvas pra resguardar a pureza dos lençóis, bastava afundar as mãos pra colher o sono amarrotado das camisolas e dos pijamas e descobrir nas suas dobras, ali perdido, a energia encaracolada e reprimida do mais meigo cabelo do púbis, e nem era preciso revolver muito para encontrar as manchas periódicas de noqueira no fundilho dos panos leves das mulheres ou escutar o soluço mudo que subia do escroto engomando o algodão branco e macio das cuecas, era preciso conhecer o corpo da família inteira, ter nas mãos as toalhas higiênicas cobertas de um pó vermelho como se fossem as toalhas de um assassino, conhecer os humores todos da família mofando com cheiro avinagrado e podre de varizes nas paredes frias de um cesto de roupa suja; ninguém afundou mais as mãos ali, Pedro, ninguém sentiu mais as manchas de solidão, muitas delas abortadas com a graxa da imaginação, era preciso surpreender nosso ossuário quando a casa ressonava, deixar a cama, incursionar através dos corredores, ouvir em todas as portas as pulsações, os gemidos e a volúpia mole dos nossos projetos de homicídio, ninguém ouviu melhor cada um em casa [...] (NASSAR, 2009, p. 43-44).

A memória de experiências vividas apresenta-se ao tornar visível o efeito esmagador que as múltiplas gerações que se acumulam no lugar podem surtir nos sujeitos que o habitam no presente (POCOCK, 1981, p. 344). Observação que revela como a constituição do lar, a partir das experiências do cotidiano, cliva a existência do sujeito e o leva a cultivar os valores sociais dos outros moradores. Sua relação é tão

consistente que não se desfaz totalmente sequer com a morte. A metáfora do “ossuário” ratifica sobremaneira tal fato, por ser uma característica fúnebre atribuída aos vivos.

Contudo, há sexualidades entre os personagens. Elas se encontram (des)engomadas no cesto de roupas que traduzem o sentido da (auto)anulação. Em meio às toalhas e panos, é possível sentir os gritos e gemidos dos filhos e da esposa que não conseguem expressar seus seres dotados de desejos e vontades. O projeto de vida da família sobrepõe-se ao do sujeito. Existem dobras e pulsações que somente alcançam a escala das virtualidades de cada um.

André apresenta dificuldades no que se refere à memória que tem do lugar. Ele não se desembaraça do lugar e acaba manifestando o fardo que representa a continuidade da memória da moradia familiar. Essa carga emotivo-sentimental, que assola os corredores da casa, “grita” com sua consciência e ser. O lugar se faz presente e não há como não se importar com os vínculos estabelecidos. O personagem principal da obra corrobora que, mesmo com todos os problemas, ainda retém topofilia, provavelmente ainda mais do que seus familiares. Tudo que queria é que esse “amor”, de tom artístico, fosse recíproco:

Pedro, ninguém amou mais, ninguém conheceu melhor o caminho da nossa união sempre conduzida pela figura do nosso avô, [...] era esse velho asceta, esse lavrador fenado de longa estirpe que na modorra das tardes antigas guardava seu sono desidratado nas canastras e nas gavetas tão bem forradas das nossas cômodas, ele que não se permitia mais que o mistério suave e lírico, nas noites mais quentes, mais úmidas, de trazer, preso à lapela, um jasmim rememorado e onírico, era ele a direção dos nossos passos em conjunto, sempre ele, Pedro, sempre ele naquele silêncio de cristaleiras, naquela perdição de corredores, nos fazendo esconder os medos de meninos detrás das portas, ele não nos permitindo, senão em haustos contidos, sorver o perfume mortuário das nossas dores que exalava das suas solenes andanças pela casa velha [...] (NASSAR, 2009, p. 44).

As estruturas do espaço vivido, formadas, deformadas, reeditadas a partir de práticas e relações sociais, não se fecham a mero paisagismo visual. Ao contrário, se abrem para diversos campos dos sentidos humanos. Intuímos que o lar elucubra a própria pessoa e materialidade do Avô, e o ambiente da casa encarna características deste. A casa tem corredores tortuosos e portas que parecem ser táteis, rugosas por conta da idade do entalhe em madeira, despertando nosso imaginário.

O calor úmido descrito nos transmite uma multiplicidade de sensações climáticas que a natureza proporciona ao lugar. Sons estão presentes na sua ausência, e por conta do “silêncio de cristaleiras” parece-nos que qualquer mísero suspiro poderia

ecoar por toda a casa. Cheiros revelam-se nos perfumes mortuários, os quais mostram que o lugar ainda carrega o decesso do Avô. O patriarca da família camponesa compõe as paisagens do lugar/casa, instituindo centralidades de diversos matizes.

Apesar de se apresentar como o “destruidor” do quadro familiar no/do lar, aquilo que André realmente almeja e tenta ativamente conquistar é o lugar do Pai. Conforme Souza (2012, p. 51), ele deseja tomar a posição que, para ele, é impossível por conta de não ser o primogênito. Novamente o modo de vida daqueles camponeses, no caso a hierarquia familiar, desvela-se e reproduz no lugar, a causar múltiplas esquizofrenias. É possível perceber nitidamente que o pensamento do personagem, por mais “destrutivo” que seja, utiliza dos sermões do pai para inseri-los em uma lógica que não o reprima, mas liberte.

A representação do lugar é objetiva e subjetiva ao mesmo tempo. O lugar parece ser para seus moradores uma moradia/prisão, da qual se extraem imagens da forma como eles convivem com as tensões. Os sujeitos criam e recriam, em cada contexto, uma representação de sua relação com o lugar. Essa relação é trabalhada ao longo da obra por intermédio das escolhas de metáforas e dos usos de figuras de linguagem, sendo, no geral, ligadas ao meio rural. Desse modo, o discurso dos personagens ajuda a definir sua essência. Um dos momentos em que constatamos isto com mais clareza é no seguinte sermão do Pai:

[...] existe tempo nas cadeiras onde nos sentamos, nos outros móveis da família, nas paredes da nossa casa, na água que bebemos, na terra que fecunda, na semente que germina, nos frutos que colhemos, no pão em cima da mesa, na massa fértil dos nossos corpos, na luz que nos ilumina, nas coisas que nos passam pela cabeça, no pó que dissemina, assim como em tudo que nos rodeia; rico não é o homem que coleciona e se pesa no amontoado de moedas, e nem aquele, devasso, que se estende, mãos e braços, em terras largas; rico só é o homem que aprendeu, piedoso e humilde, a conviver com o tempo, aproximando-se dele com ternura, não contrariando suas disposições, não se rebelando contra o seu curso, não irritando sua corrente, estando atento para o seu fluxo, brindando-o antes com sabedoria para receber dele os favores e não a sua ira [...] (NASSAR, 2009, p. 52-53).

Os saberes e fazeres e a própria “sabedoria” reconhecida e legitimada no mais experiente encontra-se articulada às práticas e ao discurso do pai. O poder do pai expõe que no lugar também há territórios abrangidos na/pela experiência que, inclusive, possibilitam tolerâncias. O pai reafirma seu poder usando sermões, transmitindo sua autoridade por todo o lar. As paredes da casa, a lavoura e a mesa revestem-no de poder sobre a vida dos filhos e da esposa. O pai personifica o poder e controla o território familiar ao mesmo tempo em que é

assido por ele. A intensidade desse controle segue o ciclo da vida. A mediação deste é realizada na interpretação dos ciclos da vida. Tempos reentrantes que envolvem plantio e colheita; da atenção ao fluxo correspondente, da expectativa do favorecimento e dos cômodos sermões.

No discurso citado, há perspectiva e vontade de afirmação do patriarcado. A experiência é evocada como tirocínio legítimo que justifica o aprendizado na lida com os ciclos da natureza. Parece-nos que a massa fértil que edifica a existência do Pai como um ser-instituição poderoso é a mesma que faz com que as colheitas sejam fartas. Emana de sua “humildade e piedade”, uma essência divina que dispensa explicações mais delongadas acerca dos motivos da repressão que efetiva.

O tempo é um fator central não somente na (re)produção do lugar, como também na existência humana. Há um caráter dual em sua composição, age de maneira a consumir as coisas, de deteriorá-las, mas também garante aos objetos e sujeitos a historicidade ou valor humano derivado do sentido que lhe é atribuído. É na passagem dos tempos que a realidade toma forma e o lugar acumula experiências e existências. Identificamos isso na seguinte parte de outro sermão do Pai:

O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor; embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento; sem medida que o conheça, o tempo é contudo nosso bem de maior grandeza: não tem começo, não tem fim; é um pomo exótico que não pode ser repartido, podendo entretanto prover igualmente a todo mundo; onipresente, o tempo está em tudo; existe tempo, por exemplo, nesta mesa antiga: existiu primeiro uma terra propícia, existiu depois uma árvore secular feita de anos sossegados, e existiu finalmente uma prancha nodosa e dura trabalhada pelas mãos de um artesão dia após dia. (NASSAR, 2009, p. 51-52).

Doravante, para o Pai, nunca houve maior virtude que a paciência. É nela que a vida deve-se basear na “Lavoura arcaica”, visto que, como camponeses, dependem integralmente das forças do grupo familiar para se afirmarem como sujeitos. Interpretar o tempo cíclico da natureza é essencial para eles, já que precisam combinar em distintas proporções os períodos de semear e colher. Bachelard aponta para isso quando relata que “a mão trabalhadora e imperiosa aprende a dinamogenia essencial do real ao trabalhar uma matéria que, ao mesmo tempo, resiste e cede como uma carne amante e rebelde” (BACHELARD, 1998, p. 14). Assim, o trabalho não apenas vem como sustento, mas como maneira de (re)significar a natureza.

Construíram no lugar modos de vida repletos de tensões e incertezas, inclusive de terem que conviver com a insegurança dos resultados das colheitas. Para

conseguirem superar uma época de grandes secas ou outra intempérie qualquer, teriam que depositar todas as suas esperanças em um novo ciclo produtivo. Essa forma de ser manifesta-se, conseqüentemente, tanto no discurso quanto na elaboração do seu pensamento, e suas humanidades estão cercadas por metáforas ligadas ao mundo rural e à natureza.

De acordo com Tuan (2007, p. 141), “para o trabalhador rural, a natureza forma parte deles – e a beleza, com substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica”. É perceptível a junção da família com o natural, na medida em que este se torna mais do que uma simples extensão do corpo, é um companheiro. O homem, por princípio biológico, é natureza, tem desejos e necessidades advindos de relações que estabelece no espaço vivido. Seu comportamento como grupo deriva tanto da dimensão biológica quanto da social e cultural, sendo estas também alteradas pelos arrolamentos econômicos.

A natureza é um complexo denso, no qual o indivíduo cria símbolos e significações derivados da sua produção social. É necessário nos atentarmos para o fato de que não há apenas um ciclo, mas uma miríade de ciclos, que confluem na materialidade das relações evidenciadas na paisagem. O homem, em si, por exemplo, tem seu próprio ciclo; começa como um bebê que depende da ajuda alheia e passa pela fase reprodutiva, quando cuida de outros seres, e torna-se um idoso que, novamente, necessitará de cuidados.

As condições e propriedades dos lugares alteram os gêneros de vida e as culturas dos sujeitos, a se metamorfosearem em conjunto com a realidade. Trazem à tona as dificuldades da existência, colocando o sujeito no embate de suas ideias. A cultura também serve para dar um sentido à existência tanto dos indivíduos como dos grupos com os quais eles convivem, inserindo-os no lugar e colocando-os junto de um destino coletivo, portanto, considerando que a cultura mantém essa relação íntima com os lugares.

A vida marcada pelo acaso e o incerto seria deveras dura, se não houvesse a figura paterna para assegurar certa medida de ordem. Antes, esse papel social era exercido pelo Avô, depois pelo Pai. No cotidiano, percebemos que alguns lugares dão um significado para os seus habitantes, principalmente em grupos que têm existências

densamente imbricadas aos elementos da natureza. Essa qualidade é clara no diálogo do Pai com André no seu retorno:

– É egoísmo, próprio de imaturos, pensar só nos frutos, quando se planta; a colheita não é a melhor recompensa para quem semeia; já somos bastante gratificados pelo sentido de nossas vidas, quando plantamos, já temos nosso galardão só em fruir o tempo largo da gestação, já é um bem que transferimos, se transferimos a espera para gerações futuras, pois há um gozo intenso na própria fé, assim como há calor na quietude da ave que choca os ovos no seu ninho. E pode haver tanta vida na semente, e tanta fé nas mãos do semeador, que é um milagre sublime que grãos espalhados há milênios, embora sem germinar, ainda não morreram.

– Ninguém vive só de semear, pai.

– Claro que não, meu filho; se outros hão de colher do que semeamos hoje, estamos colhendo por outro lado do que semearam antes de nós. É assim que o mundo caminha, é esta a corrente da vida. (NASSAR, 2009, p. 160-161).

Bachelard disserta que “o tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensão entre dois nadas” (2010, p. 15), transmite a efemeridade do devaneio e do existir humano. Há precisão e fixidez no absoluto que compõe um instante. Ele pode ser sentido no mesmo momento em que se encerra. Não há instante igual ao outro.

É de suma importância ler que, assim como o espaço, o tempo é descontínuo. Duração, como a entendemos, não é nada mais do que uma ilusão baseada na sensação dos instantes que se sucedem. Em verdade, o tempo é simultâneo. O passado abre virtualidades, assim como o presente dá sentido e alcance para o futuro. Não é possível desvinculá-los por meio de uma lógica simplista e cartesiana.

Há subjetividade na maneira como são sentidos os instantes. Compõem diferentes temporalidades que marcam a vida no lugar. Nos trechos citados, o discurso paterno aponta para a noção de que o lar foi construído mediante o labor pretérito. Considera que é fundamental a reprodução desse ciclo que simula aqueles encontrados na natureza.

O lugar é uma construção germinada através do tempo. Constitui-se na memória do passado, nas possibilidades do presente e nas expectativas do futuro. Na imbricação destas é que são edificadas suas relações. Os sujeitos atribuem diferentes significados às temporalidades que se acumulam e metamorfoseiam no lugar.

O diálogo com o Pai mostra que, assim como o sujeito dá um sentido para a existência do lugar, o lugar dá um sentido à existência do sujeito. O curso para a continuidade da “Lavoura arcaica” é seguir a “corrente da vida”, repassar os saberes e

fazerem como possibilidades de sustento para as próximas gerações. Nessa lógica, o rompimento do “semear” impossibilita a fé nos fios que costuram o seio familiar.

André altera a trama existencial do lugar ao abandonar a casa. Na profusão de sentimentos que se metamorfoseiam, indicando indefinições, o sentido da existência no lar é clivado pela sensação claustrofóbica do personagem. Há fluxo(s) de gerações que regem a vivência dos sujeitos na obra *Lavoura arcaica*, e sua existência é cíclica e densa em significados e significações.

### **À esquerda do pai**

Tuan (1983, p. 22) discerne que alguns objetos podem se efetivar na condição de lugares dotados de significação. Entre esses, o autor cita a importância da mesa de jantar, pois é nela que a família, muitas vezes, vai debater suas (im)possibilidades e dividir alguns de seus momentos mais significativos. Na obra de Nassar, ela aparece como um espaço onde se protagoniza as tensões que desdobram no drama.

Era na mesa que o Pai transmitia seus sermões e a família sentava-se reunida, sempre nos mesmos lugares, para dividir a refeição, o dia e o trabalho realizado. Era nela que, acima de todos os outros espaços, expressavam seus costumes e valores humanos, demarcando territórios. Lá, a lógica da tradição vivificava e prosseguia a ser conduzida desde a época do Avô, como na narração de André:

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família. (NASSAR, 2009, p. 154).

No lugar manifestam-se as formas de organizações do grupo social no espaço e que se desdobram nas virtualidades de (des)obediência à opressão paterna. Existem territorialidades inerentes a esse conflito que se materializam na mesa de refeições. Ao lado direito, estão aqueles que seguem sua lógica, que reproduzem suas ideias e preceitos de maneira a preservar seu domínio. Do lado esquerdo, estão os “desajeitados”, que rejeitam ou discordam da lógica patriarcal, que anseiam por mudanças. Havia efetivamente duas “linhas” na família.

É interessante examinarmos, nesse sentido, as aproximações que Nassar realiza com o cânone bíblico. Primeiro, no que tange ao lado escolhido por aqueles que reproduzem a lógica paterna, podemos inferir que se colocam do mesmo lado simbólico que Jesus Cristo, pois este, ao falecer, fica do lado direito do “Pai”. Essa colocação tem importância simbólica que vem a se espacializar no jogo de poderes, manifestado nas territorialidades do lugar. O lado esquerdo, também por um viés bíblico, representa o coração dos insensatos, daqueles que não conseguem ouvir ou entender a sabedoria do Pai.

Outra similaridade é a de haver um apóstolo chamado André, que é irmão de Simão Pedro. O primeiro tem um papel secundário ao longo da Bíblia, sendo chamado inúmeras vezes de “irmão de Pedro”. O André de Nassar, assim como o bíblico, é ofuscado pelo irmão e implicitamente quer ocupar seu lugar. Ironicamente ou não, Simão Pedro é a pedra angular para a edificação do Cristianismo; infere-se que o Pedro de *Lavoura arcaica* está destinado a reproduzir a lógica paterna e (re)edificar o lar após o desfecho do drama literário.

Ainda no trecho supracitado, verificamos que o perecimento da materialidade de um dos sujeitos não é bastante para encerrar sua influência sobre o lugar. Assim, o lugar pode permanecer na pessoa, mesmo que seja na sua memória e no imaginário. O sujeito que carrega consigo o lugar referencia-se naquele espaço para viver fora dele. Também pode efetuar modificações nele, até mesmo depois de cessar a corporeidade de seu existir, incitando comportamentos no grupo ou deixar marcas simbólicas que vão referenciá-los para a vida.

O lugar imortalizou o sujeito na cabeceira da mesa, e, como narrado por André, “O avô, enquanto viveu, ocupou a outra cabeceira; mesmo depois da sua morte, que quase coincidiu com nossa mudança da casa velha para a nova, seria exagero dizer que sua cadeira ficou vazia.” (NASSAR, 2009, p. 155). Parece-nos que não há uma renovação efetiva dos sujeitos mesmo após a mudança para a “nova” casa. A casa é nova, mas as pessoas reeditam o lugar no espaço novo.

O Avô é lembrado como imagem do poder, pois sempre estava presente. Falecido, seus sermões permanecem como silêncio, seguramente de forma nova, atuando no inconsciente de toda a família. Nada pode escapar a seus olhos, trata-se de uma natureza de controle, manifestada na própria arquitetura – opressora – da casa.

A partir do óbito transcendeu à situação de onisciência, juntou-se à trama social do lar de maneira a fazer vigorar sua “ordem”. Esse lugar reproduz não só a lógica da família e da tradição, mas a do poder e da opressão. Os olhares do Pai, a memória que se tem do Avô, os sermões e a própria maneira como se sentavam à mesa eram maneiras de rarefazer os discursos dos membros periféricos da instituição familiar, promovendo na voz do homem mais velho as verdades absolutas que guiavam as pessoas no cumprimento das atividades cotidianas.

Relação que desdobra em repressão, sufocando seus membros, ao ponto em que André não consegue sequer acreditar que merece o pão de cada dia. Por mais que trabalhe e ajude seus irmãos e irmãs, nada é suficiente. Não sente que tem razão para continuar na família para prover a sua existência individual e coletiva. O lugar tem suas regras, normas sociais. Trata-se de uma lógica em que o trabalho não é para sustentar o sujeito individualizado, mas o grupo familiar. O nexó é tornar todos doadores de tempo e trabalho para manter a coletividade.

No entanto, a família não é apenas uma instituição que estabelece no lugar processos de sociabilidade forçada. Nem mesmo seus membros são sujeitos que, no lugar, agem apenas como trabalhadores. São constituídos de desejos, vontades, projetos de vida que sofrem tensões que promovem comportamentos de rebeldia, irreverência. Em determinadas circunstâncias afrontam a própria moral e ética religiosa. Naquele lugar, pessoas elaboram compreensões do mundo e vivem, nas concepções desse cosmo, profundas contradições. No personagem André, há enorme paixão pela mãe, que se manifesta em sua síndrome de Édipo que efetiva na irmã. André vê, na sua relação incestuosa com Ana, algo natural e puro.

Em um dos seus mais turgidos delírios, encara que a chama do amor sexual entre eles serviria para unir ainda mais a família, a elaborar a impressão de que o Pai implicava esse tipo de relacionamento em seus sermões. Sarcasticamente, mas não surpreendentemente, é esse dolo que causa a desunião da família e a destruição da “felicidade” e do ordenamento no lugar. Percebe-se o pensamento de André bem no início de sua súplica à Ana:

[...] foi um milagre descobrirmos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família; foi um milagre, querida irmã, e eu não vou permitir que este arranjo do destino se desencante, pois eu quero ser feliz, eu, o filho torto, a ovelha negra que ninguém confessa, o vagabundo irremediável da família, mas que

ama a nossa casa, e ama esta terra, e ama também o trabalho, ao contrário do que se pensa; foi um milagre, querida irmã, foi um milagre, eu te repito, e foi um milagre que não pode reverter [...] (NASSAR, 2009, p. 118-119).

Esse “milagre” vem como enfrentamento à lógica vigente e é consentido pela irmã, pois ambos tentam se libertar das correntes do discurso do lado direito da mesa, afinal, seus desejos divergem daqueles impostos. André usa justamente os argumentos paternos como justificativa para seu confronto, já que a aproximação frontal e direta se faz impossível por conta da posição que o Pai ocupa. O protagonista encontra subterfúgios diversos para sobrepor suas territorialidades ante aquelas do ancião, pois quer exercer a sua subjetividade, imputando várias tensões familiares para as quais, no lugar, não existem dissoluções. Nesse caso, o lugar social tenta ejetar André como uma das suas contradições.

A transmissão da cultura exercida por diferentes práticas sociais, na família de André, revela na figura masculina várias personificações do poder. Por conta do resultado de seu relacionamento com sua irmã e da opressão familiar começada pelo Avô, passada pelo Pai e reproduzida por Pedro, André parte do lar e vai para a “cidade”, onde estabelece contato com outros múltiplos espaços de lugares distintos do seio familiar. As vivências dos sujeitos afetam diretamente a forma como experienciam o espaço, e suas percepções e sentimentos alteram-se conforme as relações vão sendo estabelecidas e nutridas pelas práticas dos seus sujeitos.

Na trama literária elaborada por Nassar, o processo de individuação está associado à saída do lar. Trata-se de egressão temporária, pois o retorno está implícito. Desse modo, a casa não é apenas um lugar de conforto e de (re)significações, não consegue transmitir ao sujeito toda a densidade e complexidade da vida humana. O lugar parece ter se tornado desencontrado para nutrir a existência de André. A acuidade do lugar na gênese da consciência do sujeito parece derivar do fato de que ele cultiva o seu agir de forma inseparável de suas experiências locais. Em cada circunstância, a experiência assume importância relativa mesmo que o lugar não seja o mesmo.

Os lugares de André podem ser vistos como uma mediação entre o Mundo e o sujeito. Diferentes lógicas que movimentam os sistemas sociais do espaço rural e urbano manifestam-se como oposição às tendências supostamente resistidas à individualidade de André.

Nesse contato com o mundo, longe dos domínios do lar, André depara-se com outras lógicas sociais, implica dificuldades e problemas para a vida fora do lugar. Apenas quando nos afastamos do lugar ou vemos a ameaça de termos de partir que entendemos realmente até onde vai nossa afetividade (POCOCK, 1981, p. 350). Ao lembrar a parábola bíblica do Filho Pródigo, o protagonista reconhece isso, mesmo que em possível tom sarcástico, no diálogo com o Pai:

Estou cansado, pai, me perdoe. Reconheço minha confusão, reconheço que não me fiz entender, mas agora serei claro no que vou dizer: não trago o coração cheio de orgulho como o senhor pensa, volto para casa humilde e submisso, não tenho mais ilusões, já sei o que é a solidão, já sei o que é a miséria, sei também agora, pai, que não devia ter me afastado um passo sequer da nossa porta; daqui pra frente, quero ser como meus irmãos, vou me entregar com disciplina às tarefas que me forem atribuídas, chegarei aos campos de lavoura antes que ali chegue a luz do dia, só os deixarei bem depois de o sol se pôr; farei do trabalho a minha religião, farei do cansaço a minha embriaguez, vou contribuir para preservar nossa união, quero merecer de coração sincero, pai, todo o teu amor. (NASSAR, 2009, p. 168-169).

Outros lugares reconhecidos como diferentes e estranhos ao modo de vida rural não são constituídos das mesmas temporalidades sociais. Igualmente, os lugares possuem seus dissensos, suas alienações. A “lavoura” trazia certezas e ilusões para afirmar no lugar a existência de uma família unida e ideal, no qual o “mal” nunca poderia se enraizar. Aquilo que era tido como correto era incentivado para manter a coesão da trama familiar.

Vínculos sociais com o lugar criam nexos de paciência e tolerância. Na família, foram absorvidos pelos seus membros e pela prática social, tornaram-se dominantes. Entretanto, a verdade sempre fora perversa: a lógica dominante é a da opressão. É por meio dela que o Avô e o Pai reafirmam suas formas de poder, “forçando” “amor” e respeito dos filhos. André, ao voltar para o lar, mostra (ao menos teoricamente) que o Pai estava certo, que “[...] o gado sempre vai ao cocho, o gado sempre vai ao poço [...]” (NASSAR, 2009, p. 60), reforçando o poder do patriarcado e as suas formas de dominação/opressão.

### **A(s) lavouras(s) em André**

O leitor deve estar a se perguntar se André realmente estabeleceu relações com o lugar suficientemente para lhe proporcionar vínculos sociais de apego, pois, em grande parte de nossas citações e interversões analíticas, mostramos o sítio como um espaço repressor, que carrega as diversas ocasiões dos sermões, difundindo a lógica do

patriarcado nos sertões do Brasil. Contudo, a casa familiar é um núcleo de significados constituídos pelas práticas sociais, que resultam em complexas experiências de vida.

Desse modo, os vínculos com a família, com o lar e seus moradores estão presentes. Como dito pelo protagonista para seu irmão, ele nunca antes havia pensado em sair de casa, o que se tornou realidade no âmago do seu desespero:

[...] mas entenda, Pedro, com meus olhos sempre noturnos, eu, o filho arredio, provocando as suspeitas e os temores na família inteira, não era com estradas que eu sonhava, jamais me passava pela cabeça abandonar a casa, jamais tinha pensado antes correr longas distâncias em busca de festas pros meus sentidos; entenda, Pedro, eu já sabia desde a mais tenra puberdade quanta decepção me esperava fora dos limites da nossa casa" eu disse quase afogado nessa certeza, procurando me recompor com um bom respiro no espírito do vinho, [...] (NASSAR, 2009, p. 66-67).

Importante compreender que na relação com o lugar nem todos os desejos e vontades dos sujeitos são realizáveis, inclusive o de refletir a respeito da própria existência. Destarte, André nunca se iludiu confiando encontrar lugar outro que seu lar. Sempre soube que seu lugar era lá, junto a seus familiares. Sua forma de ver o mundo, sua percepção espacial, seu modo de falar e de pensar, todos tomavam como referencial o seu lar. Sua vida era o sítio, a “lavoura” não existiria da mesma forma sem ele, assim como ele deixava de ser o mesmo sem aquele lugar.

Na volta ao lar, notamos outra passagem fascinante, quando o protagonista narra “[...] meu pai ordenou que eu lavasse do corpo o pó da estrada antes de sentar-me à mesa que minha mãe me preparava.” (NASSAR, 2009, p.150). Implica-se que esse “pó” é simbólico. Representa as outras visões, pensamentos e dores originárias de fora do lugar. Para André poder dialogar com o Pai e sentar-se à mesa, seria necessário que ele estivesse com uma mente limpa, longe da pensão onde ficou durante seu período afastado da casa.

Tornar-se limpo pode sugerir que, naquele lugar, as pessoas deveriam manter-se comprometidas com a família, com as suas regras, sendo de suma importância para o Pai que os filhos seguissem as suas orientações. Para manter o poder, ele não poderia permitir que seu lugar fosse “manchado” ou “sujo” pelo comparecimento das outras lógicas que, de alguma forma, pudessem questionar seu poder e sua posição como Patriarca.

As pessoas não são as mesmas fora do seu lugar e como o lugar não é o mesmo sem os seus moradores, a casa torna-se outra no momento em que o filho pródigo

retorna. Nas palavras do Pai: “– Abençoado o dia da tua volta! Nossa casa agonizava meu filho, mas agora já se enche de novo de alegria!” (NASSAR, 2009, p. 149).

Mas, em meio a esses problemas, de onde teria surgido todo esse apego ao lugar em André? Como se fertilizou esse enraizamento? Nassar nos apresenta um recorte do cotidiano que se dava no lar, permitindo-nos vislumbrar onde o enraizar-se pode ter tido sua gênese:

[...] eu passei pensando na minha fita de congregado mariano que eu, menino pio, deixava ao lado da cama antes de me deitar e pensando também em como Deus me acordava às cinco todos os dias pr'eu comungar na primeira missa e em como eu ficava acordado na cama vendo de um jeito triste meus irmãos nas outras camas, eles que dormindo não gozavam da minha bem-aventurança, e me distraíndo na penumbra que brotava da aurora, e redescobrimo a cada lance da claridade do dia, ressurgindo através das frinchas, a fantasia mágica das pequenas figuras pintadas no alto da parede como cercadura, e só esperando que ela entrasse no quarto e me dissesse muitas vezes "acorda, coração" e me tocasse muitas vezes suavemente o corpo até que eu, que fingia dormir, agarrasse suas mãos num estremecimento, e era então um jogo sutil que nossas mãos compunham debaixo do lençol, e eu ria e ela cheia de amor me asseverava num cicio "não acorda teus irmãos, coração", e ela depois erguia minha cabeça contra a almofada quente do seu ventre e, curvando o corpo grosso, beijava muitas vezes meus cabelos assim que eu me levantava Deus estava do meu lado em cima do criado-mudo, e era um deus que eu podia pegar com as mãos e que eu punha no pescoço e me enchia o peito e eu menino entrava na igreja feito balão, era boa a luz doméstica da nossa infância, o pão caseiro sobre a mesa, o café com leite e a manteigoeira, essa claridade luminosa da nossa casa e que parecia sempre mais clara quando a gente vinha de volta lá da vila [...] (2009, p. 24-26).

Os sentimentos e emoções são manifestações importantes dos sujeitos para atingirmos as conexões que os ligam ao lugar. As experiências vividas, os (dis)sabores da existência regrada e legitimada pelas práticas sociais e implicadas no poder do patriarcado tornam tenso esse elo. É demasiado interessante perceber as complexidades dos sentidos que se apresentam na memória da constituição do lugar para o protagonista.

As narrativas nos fazem perceber que se trata também de um lugar-território. Essa situação comparece no texto a partir da descrição. Notamos que a cozinha, como uma espécie de usina, torna-se um território das mulheres. Elas não falam, mas trabalham e nessa condição incorporam vários aromas, inclusive de pão tenro aquecido pelo amor maternal e amanteigado em sabor de alvorada. Aquele modo de vida reserva tempo para o café com leite. Ele diz respeito a um mundo de ruralidades que se inicia na madrugada, sendo o trabalho familiar corporificado que adquire forma e sabor para um cotidiano de imposições de ordem bruta.

Pensar o lugar considerando a memória é central para a compreensão dos enraizamentos dos sujeitos. O mundo vivido realiza-se nas práticas dos sujeitos; revela suas lembranças, adquirindo nas narrativas um caráter de categoria analítica. Todo espaço, por mais abstrato que seja, é mutável, indica acumulações sucessivas de tempos que podem ser percebidas por meio da paisagem. No caso dos lugares, estes têm também um caráter rugoso por serem procedidos diretos da percepção, ação e experiência dos sujeitos.

Partindo da concepção de Dardel (2011, p.31) de que “a paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela no lugar não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar.”, consideramos que há de se pensar nas maneiras pelas quais essa paisagem desdobra-se no imaginário dos sujeitos. Há rugosidades nas formas de lembrar e sentir o espaço. Determinadas experiências sedimentam-se em maior ou menor intensidade.

Como acúmulo de diferentes tempos, a paisagem revela desejos e necessidades projetados. Na lógica constante de contração e dilatação de diferentes temporalidades do lugar, as vidas e sentidos metamorfoseiam-se junto às paisagens. De acordo com seu comportamento, são manifestados os resíduos de um modo de vida dimanados dos sentidos a eles atribuídos.

No lugar coexistem, na simultaneidade das diferentes temporalidades sociais, os diversos momentos da paisagem. Cada sujeito vive o espaço a seu modo, atribuindo significados diferentes para os elementos que compõem seu existir. André, na reflexão anterior, mostra a aceção que desenvolveu acerca da vivência da luz da aurora irrompendo na escuridão de seu quarto.

A experiência do infante é diferenciada daquela do adulto por conta deste dotar o mundo de significações imaginárias e complexas diversas. O afeto da mãe e a experiência mítico-religiosa do acordar em uma manhã com caráter mágico-fantástico somam-se para a construção de um lugar multidimensional. O plano do sagrado é central para a formação da existência simbólica, e a percepção do protagonista quanto ao jogo de luzes está mais relacionada à imaterialidade dessas lógicas. Elas disfarçam, ao menos em partes, a opressão concreta dos ciclos da natureza e ajudam a dar sentido, razão lógica, para a vida do sujeito.

Cientificamo-nos de que o lugar é parte do processo social que se revela na dinamicidade do cotidiano. Nele, criamos e desenvolvemos nossas habilidades. Nos pequenos atos, aquelas nuances que nem notamos na vida, os nossos “sentar-se à mesa para as refeições em família” trazem à tona costumes que despontam como formas de afetividade pelo lugar. Em toda sua vivência, mesmo que com seus problemas, notamos as relações dos sujeitos com os lugares, seus vínculos sociais sendo refeitos, bem como os seus estranhamentos e pertenças.

### ***Maktub*<sup>1</sup> (considerações finais)**

A relação sujeito e lugar na obra são constantes e edificantes. No projeto familiar, nos diálogos envolvendo os seus membros, a vivência tanto dos sujeitos quanto dos seus projetos de vida vai se especificando, manifestando consensos, dissensos, acordos tácitos e, por vezes, rupturas. Conforme assinalamos, o sujeito não o é sem seus lugares e estes, por sua vez, não têm a possibilidade de existir sem seus sujeitos. Ambos coexistem em suas múltiplas faces metamórficas, alteram-se na medida em que os cotidianos os afetam.

A existência daqueles sujeitos está conectada diretamente ao tempo e ao espaço. As especificidades das suas relações criam descontinuidades, permeiam as possibilidades do ser, elevando-os à virtualidade do real. Portanto, é por meio da atribuição de definição e significado para os espaços de seu cotidiano que os sujeitos desenvolvem suas capacidades de interpretação do mundo. E é apenas a partir dessa conexão com os sujeitos que os lugares passam a existir na condição de realidades oníricas e simbólicas.

Nos domínios da casa familiar, os dissensos geram tensões/paliativos decorrentes de complexidades íntimas, nas quais se estabelecem lógicas diversas, que dominam os vários ambientes e dão sentido(s) para a vida familiar. A casa como centralidade da vida dos personagens possibilita buliçosas manifestações de subjetividade, tecendo relações que se constituem nos modos de vida. Nessa perspectiva, o lugar foi se constituindo em nossa referência inicial para a análise socioespacial dos sujeitos nas mais diversas situações.

---

<sup>1</sup> O termo é a palavra árabe para “destino” ou “já estava escrito” e é o “arroto tosco”, na concepção de André, emitido pelo Avô e que “valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai” (NASSAR, 2009, p. 91).

Na obra de Nassar, a família camponesa comparece manifestando suas éticas e morais. Amplia nosso entendimento da forma como a experiência influencia na gênese do lugar e na formação do sujeito. A partir da vivência do sujeito com o lugar é que as humanidades afloram. Em cada pessoa, se manifesta de uma forma distinta. A “lavoura” do Pai era uma, a de André era outra, mas ambos tinham pertenças a ela. Seus vínculos com o lugar eram densos e ricos como a própria vida que nele ocorria.

Por meio dessa análise geoliterária tornou-se nítida a interdependência do sujeito e do lugar em *Lavoura arcaica*. Evidenciamos a forma como o patriarcado estabelece o seu poder nas coisas e nos lugares. Mesmo depois de morto, o Avô continua jazendo a casa, eternizado nas coisas e na memória das pessoas. O espaço acumula as diversas temporalidades e vivências de seus sujeitos, levando-nos a verificar o dinamismo da existência humana na realidade do lugar.

## Referências

BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *A intuição do instante*. Campinas: Verus Editora, 2010.

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CAVALCANTE, T. V. A Dimensão do habitar na obra *A Casa*, de Natércia Campos: um olhar geosófico. *Geograficidade*. v. 1, n. 1, Inverno 2011.

DARDEL, E. *O Homem e a terra*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DICK, P. K. *The Man in the High Castle*. New York: Vintage, 1992.

KARJALAINEN, P. T. Place in *Urwind*: A humanist geography view. *Geograficidade*, v. 2, n. 2, p. 4-22, Inverno 2012.

MARANDOLA JR., Eduardo José; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Org.) *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOTA, B. C. *Raduan Nassar e a lavoura dos dizeres: entre Provérbios e Cantares*. 2010. 155 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2010.

\_\_\_\_. A lavoura e o jardim: acordes do Cântico dialogizados na prosa de Raduan Nassar. *Itinerários*, v. 35, n.1, 2012.

\_\_\_\_. Uma partitura da tensão: dialogismo e poesia em *Lavoura arcaica*. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 8, n.1, p. 157-175, 2013.

NASSAR, R. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

POCOCK, D. C. D. Place and the Novelist. *Transactions of the British Geographers*, New Series 6, p. 337-347, 1981.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

SOUZA, J. R. *Discurso e subjetividade em Lavoura Arcaica*. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários). Universidade Estadual de Montes Claros, 2012.

TELES, A. C. Crítica ao patriarcalismo e ao discurso autoritário em *Lavoura Arcaica*. *Literatura e Autoritarismo*, v. 13, n. 2, n.p., 2008.

TUAN, Y. Place: an experiential perspective. *Geographical Review*, v. 65, n. 2, p. 151-165, 1975.

\_\_\_\_. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: EDUEL, 2012.

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, n.1, v.37, p.01-15, 1947.